

# Tortura nunca mais

**Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer**

A tortura, segundo o Aurélio, dicionário da língua portuguesa, define-se como suplício ou tormento violento infligido a alguém. Por sua vez, suplício é definido como dura punição corporal, imposta por sentença. No ato de torturar, é a vulnerabilidade corpórea do ser humano, sua fragilidade, o lugar de sua dor que é atacado, produzindo uma sensação que vai do desagradável ao intolerável e enlouquecedor. O tormento e a aflição produzidos pela tortura são variáveis em intensidade e em extensão de localização, e produzidos pela estimulação de terminações nervosas especiais.

A tortura, porém, não se limita ao corpo do indivíduo. Atinge igualmente seu psiquismo. Ao estimular os pontos vulneráveis do corpo, ao atormentar a pessoa colocando-a indefesa e exposta em situações vergonhosas, humilhantes, é todo um outro continente da dor que é acionado. O desconforto sentido, combinado com a dor física e a perda da dignidade mais profunda e básica, minam e agridem a integridade corpórea, mental e espiritual do indivíduo, atirando por terra e levando à atrofia quase total a integralidade do seu ser.

Parece incrível que em pleno século XXI, com todos os avanços tecnológicos, científicos e intelectuais alcançados pela humanidade, ainda se assista ao triste espetáculo de seres humanos infligindo a outros os mais cruéis e humilhantes suplícios, para obter à força confissões de culpa ou delações, ou ainda, gratuitamente, apenas para cumprir o ritual que parece ser o da guerra e o da violência. Parece incrível que a mesma humanidade que presenciou o holocausto nazista e gritou "Nunca mais"; que banuiu com decisão os cruéis abusos cometidos nos porões do socialismo real; que nas diversas ditaduras militares que assolaram o continente latino-americano proclamou "Tortura nunca mais", seja obrigada a ver na mídia o desolador espetáculo das torturas cometidas contra prisioneiros de guerra iraquianos.

Todos que têm um mínimo de sensibilidade e ainda não perderam por completo a capacidade de espantar-se ou indignar-se certamente estremeceram de horror diante das fotos de seres humanos sendo arrastados pelo chão com uma corda amarrada ao pescoço como se fossem bichos; ou corpos humanos amontoados uns por cima dos outros em macabra pirâmide. E em meio a todos esses horrores, os torturadores riam, se divertiam, conversavam, tiravam fotografias e bebiam, como se estivessem em uma casa de espetáculos, desfrutando de um descontraído momento de lazer.

É impossível entender a atitude dos torturadores, sem tomar como referência o clima de diabolização do outro (antes os comunistas agora os árabes) reinante no mundo atualmente. A mentalidade dominante atualmente se propõe como supremacia, ao misturar uma visão de legitimidade acima da lei internacional na defesa de um estilo de vida e uma sociedade do bem estar, - um misto de consumismo frenético neoliberal com fundamentalismo religioso cristão - e se dá direitos a si própria que não lhe foram dados pela comunidade. Tudo isso envolvido por uma organização política populista, na qual os juízes, eleitos, defendem a inclemência e condenam a morte todos os que a lei lhes permite para ganhar a próxima eleição.

A voz do povo , nesse caso específico, não é a voz de Deus, se o povo consiste somente na voz de alguns poucos. Nisso consiste o curioso e ao mesmo tempo trágico, como na Europa racista pré II guerra e durante o nazismo. Ao lado de elites intelectuais iluministas, libertárias, humanistas estupefatas com o mundo "real" terrível que se revelava na sua face mais maligna, havia a maioria inculta e exacerbadamente nacionalista. Por isso, são admiráveis os controles públicos que existem na Europa sobre os meios de comunicação. Na Inglaterra as concessões públicas são freqüentemente cassadas por um conselho composto pela sociedade civil, principalmente, e governo quando extrapolam sua alçada e o sentido comum .

Queremos crer que os torturadores, salvo exceções com personalidades realmente pervertidas, somente conseguem fazer o fazem porque estão dominados por uma visão do outro como não humano. Ou seja, são incapazes de empatia, porque não enxergam no outro o próximo mas o demônio, o mal. Isto porque suas mentes estão configuradas por uma visão de mundo e de ser humano que lhes inculcam a noção de que estão agindo para proteger sua pátria, sua fé.

Ao começar o julgamento, em corte marcial, pudemos acompanhar a atitude envergonhada de um dos julgados ao tomar consciência e reconhecer a culpa do crime cometido. Porém, ao mesmo tempo, mergulhamos na suprema e chocante perplexidade de escutar dos lábios de uma mulher, a soldado Lynndie England, declarações de um cinismo impressionante. Segundo ela, isso é normal acontecer em uma guerra. Ainda segundo a soldado, foi apenas para se divertirem, ela e o namorado, que haviam feito tais coisas aos presos.

Lynndie não parecia abalada ou comovida diante de seus atos. A dor que infligira aos outros não a tirava de sua fria serenidade: continuou afirmando ser normal acontecerem essas coisas durante uma guerra. E o processo de desumanização, de verdadeira animalização a que submeteu os presos, seria apenas para usufruir um pouco de diversão em um Iraque onde uma guerra enfadonha não tinha muitas opções de lazer a oferecer.

Não podemos deixar de lembrar a notável pensadora judia Hannah Arendt que, ao assistir ao julgamento do carrasco nazista Eichmann, e ver sua atitude fria e controlada enquanto descrevia suas atividades no campo de concentração, escreveu páginas imortais sobre a banalização do mal. Ou de outra judia convertida ao cristianismo, a filósofa Simone Weil, que escreveu textos notáveis sobre a violência como processo de coisificação da pessoa humana.

Não podemos também deixar de bater no peito e sentirmo-nos responsáveis, se não por atos explícitos, ao menos por omissão. Se cada um de nós consegue assistir a essas cenas que a mídia expõe e continuar sua rotina normal de cada dia, algo vai muito mal dentro de nós. O mal e o pecado se tornaram normais, parte integrante do desenrolar do nosso tempo. E não temos mais capacidade ou energia para sair de nós mesmos e ver que, quando um só ser humano é agredido a este ponto em sua dignidade de criatura de Deus, estamos todos ameaçados e o futuro da raça humana passa a ser algo cada vez mais curto e pobre de horizontes, expectativas e esperanças.

É preciso ,portanto, voltar a gritar a plenos pulmões e com todo empenho:  
**TORTURA NUNCA MAIS!** Se ainda quisermos ser dignos da qualificação de seres humanos.